

Narrativas de Resistência no Podcast e Programa “Kunhantã”: Tessituras das Memórias Identitárias de Mulheres Indígenas em Roraima¹

Adriã Galvão SILVA²
Lisiane Machado AGUIAR³
Universidade Federal de Roraima

RESUMO

O presente trabalho é uma cartografia da produção do podcast e programa “Kunhantã”, ambos disponíveis respectivamente na plataforma de streaming Spotify e na programação da Rádio Universitária 95,9 FM. O nome faz referência à palavra indígena Tupi-Guarani “cunhantã”, que significa “mulher resistente”. O objetivo é apresentar a contribuição do material para a preservação da memória identitária e fortalecimento da autonomia comunicacional de mulheres indígenas que vivem em Roraima. A pesquisa fundamenta por meio de debates teóricos e metodológicos as implicações da memória na constituição das identidades indígenas, integrando a oralidade como subsídio comunicacional para a materialização dos saberes ancestrais que instituem os povos originários, tendo como exemplo concreto o próprio podcast e programa Kunhantã.

PALAVRAS-CHAVE

Podcast; programa de rádio; mulher indígena; identidade; memória.

INTRODUÇÃO

O “Kunhantã” é fruto da pesquisa desenvolvida em 2022, durante a realização do Trabalho de conclusão de Curso, e tem como tema “Narrativas de Resistência no Podcast “Kunhantã”: Tessituras das Memórias Identitárias de Mulheres Indígenas em Roraima. No dia 28 de abril de 2023, a produção sonora ampliou o formato e se tornou um projeto de extensão da Universidade Federal de Roraima, estreando um programa semanal na Rádio Universitária 95,9 FM. A produção também faz parte do projeto de

¹Trabalho apresentado na DT 05 Comunicação Multimídia do 20º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 14 a 16 de junho de 2023.

²Graduada no curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFRR, email: galvaoadria11@gmail.com

³Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRR, email: lisiaguiar@gmail.com

pesquisa “Comunicadores indígenas e territorialidade amazônica: o protagonismo na criação de conteúdos digitais em Roraima”.

Com a presente obra, busca-se compreender como o Kunhantã pode ser uma ferramenta de resistência para a preservação da memória identitária da mulher indígena em Roraima a partir do uso de instrumentos tecnológicos comunicacionais utilizados para a captação de entrevistas (podcast e programa de rádio), aqui chamados de guardadores de memórias. A tessitura desta pesquisa debate os fatores que implicam a necessidade de ampliar a visibilidade da identidade da mulher indígena no Brasil e entender a atuação da memória nesse processo de afirmação e construção dessa identidade.

APORTES TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

Refletir a oralidade como parte da memória é observar as formas de institucionalização do saber milenarmente acumulado pela tradição oral das populações originárias. Mas dentre os inúmeros mecanismos para a fixação dessa memória, levando em consideração a presença dos povos indígenas em suas territorialidades e nos ambientes virtuais é necessário pensar uma ferramenta capaz de ultrapassar as páginas de papel, ampliar múltiplas vozes e desterritorializar as representações que permeiam a formação identitária da mulher indígena. Dessa forma, apontamos uma artesanaria comunicacional como uma das possíveis propostas para essa resistência identitária.

Nesse espaço entre sujeitos comunicantes, proporcionado pelo registro de falas, é que se encontram as discursividades capazes de oferecer a experiência da transculturação em um campo de subjetividades e multiplicidades, que permitem o enquadramento de memórias e ideias na fala. Enquanto o podcast materializa e guarda na web as vivências captadas, o programa amplia a escuta para lugares onde a internet ainda não é acessível, em especial, nas comunidades onde vivem mulheres indígenas.

O Kunhantã é uma manifestação da memória. Ele se constitui de identidades que constroem o saber a partir da mulher indígena. O movimento de descoberta das identidades no início das gravações é o primeiro ato de afirmação das histórias dessas mulheres. Muitos processos pretéritos que cada mulher carrega em sua formação

identitária, quando narrados na produção de áudio, formam uma produção de sentidos tanto para quem produz, quanto para quem escuta, abrindo portas para as possibilidades de despertar memórias de mais pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ato de cartografar a produção, concluímos que o “Kunhantã” é capaz de materializar os saberes carregados por essas mulheres a partir da gravação e publicação das narrativas no espaço virtual; acionar a memória por meio da verbalização dos conhecimentos que permeiam os processos pretéritos dos sujeitos; reafirmar a identidade que constitui a mulher originária por meio da memória; produzir uma mídia que reivindique a fala a partir da ótica da mulher indígena e direcione estratégias que ampliam o protagonismo e a autonomia comunicacional de mulheres indígenas.

Dessa forma, entendemos que os arranjos teóricos e as experiências empíricas são processos dinâmicos e culturais, especialmente no eixo da comunicação, e que refletir sobre essa ordem abre sempre novas visões e práticas do pensar metodológico. Essa abertura de mundo nos dá então a capacidade de desempenhar outras formas de articular ações eficazes a ponto de compor a artesanania identitária e comunicacional indígena, se apropriando dos conhecimentos absorvidos no âmbito urbano para a produção de memórias que estruturam os saberes originários.

Observamos que a história oral é uma flecha nas mãos das originárias, pois constrói no esforço das coletividades para não se perder no esquecimento, e é nesse esforço coletivo que estão as expressões comunicacionais que forjam um povo, sejam por meio do canto, contação de histórias, artesanato, entre outros modos.

A oralidade logo, não é apenas uma preservadora de memória, mas uma produtora, pois o tecimento oral é responsável pela afirmação da contemporaneidade da memória indígena nos espaços atuais quanto que a história oral das mulheres indígenas possibilita valorizar a sensibilidade histórica, sinalizando a interpretação da emoção, a felicidade, o medo, a rejeição, dentre outros sentidos que estruturam a vida cotidiana. Lembramos que esse espaço de construção de narrativas está para além dos territórios.

Está na comunicação multimídia da mulher indígena em seus mais diversos modos de vida.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lisiane. *descolonizaREterritorializar* as metodologias: micropolíticas críticas e problematização da experiência na investigação com comunicadores indígenas. In: WOLTRICH, Laíra; ROSÁRIO, Nísia Martins do. **Experiências metodológicas na Comunicação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

AGUIAR L.M.; SANTOS,L.C.C., **Podcast Macunaína: A construção de um podcast antropofágico como crítica à Estética da Linguagem Sonora**, 2019.

ASSIS, Maria José Paulino. **Registro de Memórias: uma questão identitária**. Mamanguape, Paraíba, 2015.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Lécia Ferreira. 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. V. 1.

DELGADO, L.A.N. **História Oral e narrativa: tempo, memória e identidades**, 17p, 2003.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte, Mazza, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

PACHAMAMA, Aline Rochedo. **Mbaima Metlon: Narrativas de mulheres indígenas em situação urbana**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

SILVA, FÁDIA CRISTINA M.O. Memórias discursivas: da rádio ao podcast. Navegando nas ondas do interdiscurso. Pedra Branca, 2022.